

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

# PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, xerotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 18 DE ABRIL DE 1904

NUMERO 24



MANUEL PINHEIRO CHAGAS

Pinheiro Chagas nasceu em 12 de novembro de 1842. Era filho de Joaquim Pinheiro Chagas e de D. Gertrudes Ramos. Foi a curso do Collegio Militar passando depois para a Escola do Exército e frequentando ao mesmo tempo a Polytechnica. Sertou praça em Infantaria 16 a 12 de agosto de 1857. Foi promovido a alferes em julho de 1859, a tenente em agosto de 1862 e a capitão em 25 de junho de 1868. Estava na inactividade desde 1866, anno em que começou a absorver-se nos seus trabalhos litterarios.

O nosso presente numero é dedicado a Pinheiro Chagas, cujo elogio historico se devia fazer na sessão da Academia das Sciencias em 17 de abril, o que não se realisou em virtude da subita doenca de S. M. El-Rei. Fica no entanto já rregistada a nossa homenagem á memoria do illustre escriptor.

As suas obras são innumerables e todas d'um altissimo valor. Destacando-se a sua *Historia de Portugal* e o seu *Dicionario*, os seus romances *Guerrilheiras do Norte*, *Mocidade Termalino* e *Jaravento da Unhaze*, as peças *Margarina de Val-Fior* e *Drama do Porto*, formando as suas obras 81 volumes, e que representa um enorme sahejo intellectual subvertido no nosso país, onde os homens de letras são mal remunerados e por isso cedo perdem as energias.

# CHRONICA

## Atravez um culto

Foi ha tres annos n'uma manhã luminosa e quente, pelo tempo das ciras, na estrada de Linda-a-Pastora, que eu quiz recolher a impressão da vida de Pinheiro Chagas.

Perguntei a um labreste, que passava á frente d'um carro de bois, pela moradia do escriptor o elle mostrou-me uma casa clara entre verduras n'um alto fronteiro ás terras onde zumbia a labuta dos trabalhadores:

— Foi ali que viveu algum tempo o sr. Chagas!

E por essa manhã de calor, a meio da estrada, olhei os campos onde os escravos se vorgavam, senti a natureza n'uma expansão de luz toda feita para uma paz e n'um relance comparei a vida do grande homem com esse trigo d'ouro accumulado na eira que luzia e se animava na paisagem gloriosa da qual se elevava um hymno ao trabalho: e sem querer, n'esta minha ancia do paralelo, equaltei o campo regado pelo suor dos homens a fecundar, a renascer, a enriquecer os lavradores com a obra excepcional, forte, soberba e grande com que Chagas, á maneira d'esses obreiros que eu via, enriquecia os livros e se sustentava amassando o pão como um simples trabalhador.

E lembrei-me n'um momento do que me narra o meu editor, cujo pae editou alguns livros de Pinheiro Chagas:

Fora por uma manhã encontrar o grande homem na sua casinha modesta de Santa Izabel, entrara para lhe pedir certo original que estava fazendo falta e viu-o curvado sobre a mesa de trabalho a acabar de almoçar: disse-lhe o que queria, elle sobresaltou-se, murmurou:

— Ah! é verdade, o original!...

Tomou uma penna, enleou com a sua letra miudinha e breve uns dez quartos de papel enquanto o almoço arrefecia, mas enchias de facto, sem uma rasura, á pressa, cumprindo o seu dever, esquecendo o seu almoço.

Este traço d'aquella vida é o symbolo de toda ella!...

Foi dos que desdenham o talher que não tenha sido ganho primeiro, foi dos que enriquecendo uma litteratura olham em roda e só vêem o phantasma do triumpho, porque os cuidados da existencia não lhes deixam ver a côr de rosa que a gloria tem.

*A Madame Pinheiro Chagas*

## LA FEMME

*La femme, l'idéal dont la vision s'enivre,  
ou la poignante misère; nul ne s'avait, peu la voir.  
Un rêve prophétique complissait donc ce livre;  
ce livre auprès de vous, Madame, est un miroir.*

*Solenne le 5 Septembre 1888.*

*Castillo*

Castillo foi patrião do casamento de Pinheiro Chagas no dia do casamento offereceu á esposa do escriptor o livro *La femme*, de L. J. Larher, com a dedicatória da 1.ª pagina dictada e assignada pelo venerando sogro.

Por isso, eu, n'aquella manhã de luz e de calor, a meio da estrada, olhando a casinha entre as verduras, o comparei sem querer a esses escravos que labutavam nos campos alheios, homens de razão e de justiça que quando mordem o pão já o ganham.

E lembro-me que nas noites, ao atravessar o caminho da aldeola, me viximna sere ao espirito o

*Partir d'agrementer murgando,  
Le voir en nous lignes distantes,  
Com separe de torn, que se mudando  
En un espeller gentis indurmanas,  
Eus, o aparentes legios habitando,  
de inquietar as terras abarmanas  
Rearum, e por ordem de destino  
E impere tamarum e Constantino  
Amorad Pinheiro Chagas*

Esta estrophe foi escripta por Pinheiro Chagas, para a grande edição manuscrita dos *Luzidas*, editada por occasião do tricesenario.

auctor da *Morgadinha* glorificado agora pela Academia.

Um dia d'estes fui á antiga casa do escriptor, aquella mesma casa de Santa Izabel onde elle creveu as suas melhores obras e sahí de lá com a mais funda das impressões, porque vi na modestia e grandoeza, vi na gloria e simplicidade. Paíra ainda ali alguma cousa d'esse espirito colossal que

após umas horas de trabalho sobre vellos livros de Lihnagens ia escrever uma chronica de sabor gaulez, que após uma investigação cuidada para o seu Dicionario, ia procurar um arrebique de linguagem para um romance, uma scena para uma peça, dias *houlates* para um artigo de fundo e que bem fundo feria.

E ao mesmo tempo lendo alguma da sua correspondencia particular, chegava-me uma ternura infinita por essa memoria ao notar como elle amava e como educava os filhos, esses homens e essas senhoras que hoje ahí estão como affirmações dos principios de honra, de virtude e de bem que Pinheiro Chagas lhes ensinou. Iniciado na vida dos escriptores, que segundo a phrase de Castillo, applicada ao mesmo Chagas, fregem os miolos de noite para comerem de dia, não

sabia ao atravessar o quintalinho alegre onde elle passou muitas horas, se devia mais admirar o litterato se o homem cuja vida foi um alto exemplo, cujo nome refulge como uma constellação mas tambem com a candida claridade mansa e doce d'uma gotinha d'orvalho como um symbolo da modestia e da honestidade.

Elle, cavando n'essa vinha das letras cujos fructos fecem travozes amargos para os auctores e summos perfumados e sacros de mel d'Hymeto para os editores e emprezarios, soube glorificar-se; elle, vivendo no seu lar, educando os seus filhos, tirando do cerebro filbes d'ouro que lhe pagavam em vil cobre, soube divinizar-se.

Astro de luz propria e infinita faltou-lhe um ceu bem alto para se fixar e resplandecer.

Augusto de Mello, o actor que foi um grande amigo de Chagas, dizia-me quando lhe confessava a minha admiração pelo escriptor:

— Se o visse... Oh! mesmo depois de morto lembrava uma aguia!...

Davia ser assim: uma aguia a voar n'uma terra de baixios, aguia á qual faltou um rochedo para fazer o seu ninho, aguia que andou muito perto dos homens a procurar com elles o sustento, domado por vezes mas sempre com o instincto de erguer o vôo para ir pairar nos ares, mais visinho do sol.

Eis o perfil do homem que a Academia glorificou e enalteceu n'uma apothose tardia mas toda de justiça; eis a nota do escriptor que se um dia tiver a sua estatua deve ser modelada no marmore sobre a sua obra e de cabeça bem levantada para bem o definir.

E em baixo, no pedestal, ao letras d'ouro das consagrações só devem unirse para se lêr:

Homenagem da nação a Pinheiro Chagas que enriqueceu a litteratura, morreu muito pobre e soube ser muito honrado!

Elle approvaria a legenda, tenho a certeza, elle o homem que, vencendo, só tirou da victoria uma parte minguada, elle o trabalhador coberto de gloria mas tão esmagado sob a tarefa como esses escravos que eu vi n'aquella manhã de luz, calma, na eira, diante da casinha de Linda-a-Pastora, onde Pinheiro Chagas viveu a vida dos simples á sombra dos louros das consagrações que não lhe deram para comer como para ahí comen aquelles que elle não acceitaria para seus admiradores.

ROCHA MARTINS.



A CAMERA DE TRABALHO DE PINHEIRO CHAGAS, QUE PERTECEU A GARRETT



MANUEL PINHEIRO CHAGAS  
Retrato tirado aos 40 annos



MANUEL PINHEIRO CHAGAS COM SEU FILHO ALVARO P. CHAGAS  
E O VISCONDE DE ALEMQUEER  
Retrato tirado em grupo em 1898, em Vigo (Galizia)  
pelo photographo amator Montefios, vis-convul portuguez em Vigo



MANUEL PINHEIRO CHAGAS  
Retrato tirado no Porto por occasião do centenário  
do Infante D. Henrique no qual foi representante do governo



MANUEL PINHEIRO CHAGAS  
Retrato tirado aos 22 annos, fardado de al-  
forno graduado de infantaria 1.º.  
Este retrato foi tirado quando casou. Tem  
na inscripção do *Pezoma da Nordeste*.



MANUEL PINHEIRO CHAGAS  
Retrato tirado 2 annos depois do casamento  
*Photog. Loureiro—Lisboa*



MANUEL PINHEIRO CHAGAS  
Ho retrato tirado aos 25 annos, com seu filho o  
mais velho.



MANUEL PINHEIRO CHAGAS  
Retrato tirado aos 28 annos



MANUEL PINHEIRO CHAGAS COM O SEU AMIGO  
JULIO ORRAN MACHADO



D. PEDRO V

RETRATO OFFERECIDO POR SEU REI AO MAIOR CHAGAS, SEU SECRETARIO PARTICULAR E PAI DE PEDREIRO CHAGAS

El-rei D. Pedro V offerceu ao pai de Chagas o seu retrato para lhe demonstrar a grande affeição que lhe tinha. N'essa occasião a infeliz rainha D. Estephania tambem lhe offerceu uma das suas photographias com uma amavel dedicatória, photographia que se perdeu.



HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

QUE FEZ O RANCHO HISTORICO DE PEDREIRO CHAGAS NA BARRA DA ANAPURIA

Nasceu em Lisboa a 12 de fevereiro de 1836. E' autor das obras *Diario de Vizin*, *A morte de Luiz Lopo d'Albuquerque*, *Tudo Negro*, etc., e dos romances *Os Orphãos de Calcuta* e *Terras de Santa Cruz*, e de varias monographias historicas de valor entre as quaes se destacam *Estudos sobre a guerra portugueza nos seculos XV e XVI* e *Pedro Fernando d'Alcetra e a sua obra*.



O GABINETE DE TRABALHO DE PINHEIRO CHAGAS NA CASA DA RUA DO SALITRE—(Cópia d'um croquis tirado no dia da sua morte)

A casa que Pinheiro Chagas habitou durante muito tempo era na rua de S. Joaquin a Santa Isabel, n.º 25, residencia actual de seu filho Alvaro. Porém o grande escriptor, tendo-se mudado para a rua do Salitre, para a mesma casa onde falleceu Thomas Ribeiro, ali morreu em 6 d'abril

de 1895. Habitou tambem algum tempo em Linda-a-Pastora em casa do seu genro o sr. Jorge Verde, que fica a pouca distancia da propriedade que Thomas Ribeiro possuia á entrada de Carnaxide junto a ermida da Senhora da Rocha.



**MÁRIO PINHEIRO CHAGAS**  
 ESCRITOR  
 Filho do escriptor, nasceu em 16 de junho de 1879, casado com D. Elza Franco de Castro.



**RAUL PINHEIRO CHAGAS**  
 CAPITÃO DE INFANTARIA 1.ª  
 Filho do escriptor, nasceu em 20 de agosto de 1865, casado com a sr.ª D. Clarissa Gonçalves Teixeira.



**FREDERICO PINHEIRO CHAGAS**  
 AMPHANTE DE MARINHA  
 Filho do escriptor, nasceu em 7 de junho de 1862.



**EDGARDO PINHEIRO CHAGAS**  
 GERENTE LÍQUIDO DA COMPANHIA AGRICOLA DO BASSO  
 Filho do escriptor, nasceu em 10 de julho de 1874.



**ALVARO PINHEIRO CHAGAS**  
 Official do Instituto Industrial e redactor principal do *Jornal da Noite*.  
 Filho do escriptor, nasceu em 19 de maio de 1872. Casado com D. Maria Theresia Serzedello Pressier.



A ESPOSA DE PINHEIRO CHAGAS  
 Em 1880



**MANUEL PINHEIRO CHAGAS**  
 O neto mais novo do grande escriptor e filho d'Alvaro Pinheiro Chagas



A ESPOSA DO PINHEIRO CHAGAS  
 Aos 42 annos, 62 annos antes de morrer.



**D. MARIA DA PIEDADE DA SILVA PINHEIRO CHAGAS**  
 Esposa de Pinheiro Chagas. (Retrato tirado 2 annos depois de casada)



**D. ALICE PINHEIRO CHAGAS**  
 Filha do escriptor, nasceu em 28 de junho de 1867. Casada com o sr. Jorge Verde, proprietario. Irmdo do poeta Osario Verde



**MARIA DA PIEDADE CHAGAS VERDE**  
 Filha de D. Alice Pinheiro Chagas Verde



**GUSTAVO PINHEIRO CHAGAS**  
 Neto do escriptor e filho de Raul Pinheiro Chagas



**D. VALENTINA PINHEIRO CHAGAS**  
 Filha do escriptor, nasceu em 22 de outubro de 1883



**EUGENIO CHAGAS VERDE**  
 Neto do escriptor e filho de D. Alice Pinheiro Chagas Verde



**EDUARDO CHAGAS VERDE**  
 Filho de D. Alice Pinheiro Chagas Verde e neto do Pinheiro Chagas

A FAMILIA DE MANUELL PINHEIRO CHAGAS



AS SALAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS ONDE SE REALISOU O ELOGIO HISTORICO DE PINHEIRO CHAGAS EM 17 DE ABRIL

ANTE-CAMARA DA SALA ONDE SE REALISAM AS SESSOES DE CLASSE—SALA DAS SESSOES DA ACADEMIA—ANTIGA BIBLIOTHECA DOS FRADES, ONDE SE REALISAM AS SESSOES SOLEMNES—BIBLIOTHECA DAS ACADEMIAS ESTRANGEIRAS

A Academia foi fundada no reinado de D. Maria I pelo duque de Lafões e por alguns frades seus amigos, sendo muito tempo, suspeita de jacobinismo pelo intendente Maujeu, porque nas casas do velho duque, ligadas com a Academia se, recolhera um tal Boussonard accusado de ser convencional na revolução franceza.

Depois, com o andar dos tempos, essa Academia, onde os espiritos de eleição se reuniam n'um protesto, torcau-se no lugar

das consagrações officiaes e começaram a fazer parte d'ella os escriptores de merito, creandose as diversas secções que hoje existem. A maior parte dos grandes escriptores portuguezes faziam parte d'ella. Vem a pello recordar que Antonio Feliciano de Castilho foi expulso d'essa aggronicação por se incargar contra certas normas e que durante muito tempo a Academia guerreou escriptores revoltados de processo e de ideias, que mais tarde se viu obrigada a receber no seu gremio.

## A RAINHA DE HESPAÑHA E OS FUZILAMENTOS DE JUNHO

Um artigo de Piochiro Chagas sobre a rainha D. Izabel II fallecida em Paris em 8 de abril.

Como a noite corre serena, e como a lua resvala, envolta no seu véu de luz diaphana, pelo céu azul das Hespanhas! Na pura lympha do Tojo, que a brisa do mano enlaza, desdobra-se o luar, como alvissima tunica de vestal! As roças abrem o calico maceda real e beijos da viração; nos amplas jardins da residencia real e tudo luz suave e sombras mysteriosas, pareceo fluctuar ao sopro da aragem as pregas das marmoreas rampas das estatuas, e os pavilhões de Aranjuez deixam a rainha da noite bordar na tela das suas fachadas caprichos rendilhados de maravilhosos lavor!

E' noite de S. João, noite de doces sonhos, de meigos amores, e de melodiosas serenatas! N'essa noite, de um a outro extremo da ridente península, acendem-se as fogueiras, doideiam acento melodias, fréme a canção andaluz na cordas da guitarra, e a lasciva castanholha accorda os écos do Guadaluquivir no voluptuoso bolero das sevillanas! As fadas, filhas dos arabes, soltam ao vento o seu véu de gaze, e d'esse magico tecido fogem mil borboletas matizadas, que vão envoaçar em torno do leito virginal da candida rapariga que sonha na alechoira, que lha ha de resto do vulto de madrugada! Nolle de S. João! noite prestigiosa! onde ha ali na rissonha Andaluza ou na severa Castilla ecco tu amadíssimo por Deus, que não murmure agora namoradas canções, e languidas melodias?

E' contudo jazem mudos os écos de Aranjuez; envolve o luar os paços silenciosos, e nos roças dos jardins murmura soitaria a brisa. Volam as guardas sombrias á porta da Ingubre morada, e o unico ruido que alli se escuta é o ecoo longoquo da fusilaria.

Vindo! aproximaes-vos da regia camara, que a teume luz da lampada illumina! as roupas do leito monarchico desenham vagamente um vulto de mulher! Dorme! Aljofra-lhe um suor frio a pallida fronte, e as convulsões dos labios denunciam a agitação dos sonhos!

Dorme, filha dos Bourbonns, n'esse teu leito tepido de sangue! Dorme, herdeira de Carlos V, no throno, que transformaste em ossario! Dorme, catholica rainha, e volem-te o somno os vingadores espectros.

Escutas, escutas! Enche uio confuso murmurio o aposento, e um longo sequito de phantasmas voça com azas subta no ambiente do quarto. Trajam todas longas tunicas, d'onde gotta a gotta cae o sangue na fronte da rainha adormecida! Debalde ella tenta, com mão tremula, apagar a nodosa vermelha que se alastra incessante! Não cessa a horrida chuva, e a altiva fronte, que ainda ha pouco cingia o diadema, consorva o rabido estyigma, o infamante scillo estampado pela justiça de Deus!

E a rainha debate-se nas convulsões do sonho! Quer gritar, e a voz corre-secho na garganta; tenta resar e a oração transforma-se-lhe em blasphemia; debalde enxuga o vermelho suor do seu remorso; todo o sangue que derramou cae-lhe gotta a gotta na fronte, e a torrente é candal, filha do Fernando VII!

Escutas! escutas! um dos espectros debris-se para o leito monarchico, e murmura palavras que fazem correr um calefrio de terror pelas veias da nota de S. Luiz. Escutas, escutas e que essa voz murmurara:

«O dia é dos tyranos, mas a noite é das victimas; a dia pertence ao crime, quando o crime se envolve na purpura dos reis; mas a noite pertence ao remorso que se envolve na mortalha dos supplicados.»

«A' luz do sol claro o alegro das Hespanhas assigna-se depressa uma sentença de morte, traça-se com mão firme a ordem que vai jmar de cadáveres as ruas de una cidade, ajoelha-se impudentemente deante do seu oratorio, saboreia-se a benção monarchal, respira-se a liçosa cortezã, ouve-se tranquillamente a descarga cerra da de um fusilamento.»

«Bem ves tu, rainha, que o dia não tem sombras, não ha contos obscuros, não ha sonho ocso folgazão, e o marfim do crucifixo doira-se com os raios do sol; de dia a aerea absorve o sangue derramado, de dia o tigre péde mirarse no espelho, sem receio de ver luzir no vidro a sua pupilla esverdeada.»

«Mas a noite chega tambem, e a noite o crucifixo é livido! A noite accumulam-se as trevas nos cantos dos aposentos, á noite o ecco tem gemidos, á noite o sangue ressurta através dos tapetes das salas, á noite veem nas pantheas scintillar vagamente nos espelhos a sua phosphorica pupilla!»

«Do dia ha os padres que absolvem, ha os santos, que se cobrem de ciro e sedas, ha um vigario de Christo, que envia indulgencias, ha o confessorio condescendente, ha o órgão clamoroso fazendo jorrar pela nave das cathedraes o hymno em accão de graças, ha o *Domine salvum fac reginam*, ha as procissões, que se acompanham devotamente.»

«A' noite, rainha, ha Deus!  
«Hoje os brilhantes ajudantes de campo chegavam a galope ás portas do teu palacio, e bradavam-te, agitando os chapens empilhados: «Deus favoreceu a tua causa! O throno dos Bourbonns, assente em milhares de cadáveres, ostentase mais firme. A tua purpura é mais brilhante, porque a tingimos em sangue!» Exulta, rainha, e agradece a Deus, que te conceda a victoria!

Exulta, Izabel II, porque te sacrificamos victimas humanas; exulta porque pozemos a ferro, a fogo e a sangue a tua bella capital! E tu oxultaste, ajoelhaste e agradeceste a Deus.

«Hoje entraram os teus ministros nas salas do teu palacio, e disseram-te: «Mais sangue! é necessario mais sangue para enchermos as laças da nossa orgia! mais sangue e mais lagrimas! para que possamos erguer á face da Europa o copo cheio a transbordar, com que fazemos um brinde á tua civilização. Firma com o teu doce nome de Izabel novos decretos de terror, e será mais pungente o sarcasmo, que iremos escarrar no rosto da humanidade.»

«Brincavam os raios do sol de junho nos vidros das janellas de Aranjuez; a maturosa em flor toda se desfilava em canticos e aromas; tu pagaste na pena, e firmaste os decretos sanguinarios. E os teus ministros disseram-te: «Rainha, é inalhalavel o teu solio, pertence-te o porvir.»

«Seria justo que honrasseo cantos suavissimos d'esses rouxinollos invisiveis, que voltam sobre os thalamos venturosos, na camara da rainha que levou a desolação a tantos ninhos dulcissimos, que descautavam amoros entre as romieiras de Granada, nos vergeis de Valencia, nos serros das Asturias, ou nas margens acenafilladas do Doiro?»

«Seria justo que abafasseo cantos piedosos da rainha, devota soberana, abafasse os clamores das mães e das esposas, que todo o instante se erguem para o throno de Deus?»

«Julgas que as orações dos teus sacerdotes, os canti-



D. IZABEL II CATHOLICA, FALLECIDA EM PARIS EM 8 DE ABRIL ULTIMO

cos das tuas freiras, poderão dominar esse concerto das lagrimas e queixumes dos humilidos!

«Não! bem o sabes, diz-lo a tua consciencia, e não ouarias agora, á noite, assédua no teu quarto, descendo do teu leito, e ir ajoelhar no teu genuflexario! Não o ouarias de certo, porque toerias que em torno das imagens santas não tivesseo traçasso um circulo, ante o qual caírias com a face no chão, porque recearias sentir queimarem-te na fronte as letras de fogo da palavra que te condemnaria!»

«E o dia da vingança obsegueo oitavo, encheu-se a taça das iniquidades, e o Deus vingador da innocencia já condemnou ao abismo o throno ensanguentado.»

«A nas paredes do teu quarto fulguram as letras que assustaram out'ora as orgias de Balhaazar.»

«O sangue que se derrama não é somente para os solhos, é a onda vermelha que os arranca da praia e os arreja ao mar das tempestades.»

«O homicidio sacrificia os victimas! As feridas, por onde se a vida e o sangue, são outras tantas bocas que a Deus clamam, enquanto o assassino tripudia sobre o cadaver.»

«Não é a mão dos vivos, é a pallida mão dos mortos que derruta os tyranos doos seus thronos.»

«Era bem fragil a mão c'essa eriança, que se chamou o duque d'Enghien, mas apenas o filho dos Condés caiu varado por vinte balas nos fossos de Vincennes, o seu phantasma foise occender por traz das cortinas do leito do victorioso primeiro e consel.»

«Debalde elle subia a alturas vertiginosas para fugir áquella mão d'espectro, debalde conchegava ao corpo a purpura imperial; debalde interrogava a si e ao phantasma o vulto venerando do vigario de Christo; debal-

de se fazia erguer sobre os regios oscuros de vinte soberanos, seus vassallos; a mão infantil lá estava, impellido-o do Boreana para Waterloo, do Waterloo para Santa-Helena.

«Treme, Izabel, treme das mãos d'espectros! São terribes os exemplos da historia; 22 do junho devia lembrar-te o dia 2 de maio.»

«Tambem então Madrid, a rainha das Hespanhas, se envolveu em longos véos de luto, e á noite a lua illuminao pelas suas praças lividos cadáveres. Os cavallos dos soldados brutos pisaram aos pés os filhos de Madrid, voluptuosos e heroicos, cidade das festas e do sangue, da guitarra e do punhal, cidade descuidosa e fremente.»

«Tambem una throno se quiz firmar n'esto pedestal d'ossadas, e o throno de José Bonaparte rovelou e caiu no abismo. Não poderam estialo os bayonetts dos vencedores da Europa, porque as mãos dos espectros de 2 de maio se torçiam e as quebravam como frageis viras.»

«Porque o sangue, vertido por cada uma d'essas fomes, fecundava o solo e fazia brotar heroes, porque a espada de Murat, rasgando o corpo da formosa cidade, abria involuntariamente, nas paginas bronzas do livro do destino, a primeira letra de Baylen, a primeira letra de Saragoça, a primeira letra de Vittoria!»

«E contudo era o estrangeiro quem derramava o sangue, e os braços dos dragões do Napoleão não eram braços fraticidas.»

«Mas o dia 22 de junho ha de ter eccos mais sinistros na historia. Foi o seio da patria dilacerado pelas mãos de seus filhos, foram soldados hespanhoes que tripudiarum sobre o corpo exultante da formosa cidade das Hespanhas.»

«Que letras mysteriosas abria á espada de O'Donnell no livro do futuro! Por baixo das letras das sentenças de morte, que a tua pena traçava, Izabel II, que outras letras d'ontra sentença ignota se iriam traçando no livro do destino!»

«Rainha! a mão da Providencia resguardou-te do punhal regicida de Merino, a mão do homicida sacrificou a tua dynastia, porque aos olhos de Deus o crime é equal, quer o commetta o rei, quer o commetta o povo, ou faça rolar cabeças coroadas, ou cabeças humides, e a morte de Luiz XVI foi a condemnación da republica, como a mortandade de 22 de junho é a condemnación da tua dynastia.»

«O punhal de Louvet aviventou por nove annos a dynastia da Restauração; Piechi e Albland prolongaram a existencia da monarchia de julho; o punhal de Merino consolidou o teu solio.»

«Mas á Providencia, que te resguardou da assassinção, respondeu assassinando o teu povo, e os fazes pender a balança, que a arma regicida equilibra, arrojando-lhe contomas de cabeças ensanguentadas.»

«Enche-se a taça das iniquidades, sou a hora da vingança.»

«E os phantasmas sumiram-se; mas o sonho da rainha continou cada vez mais angustioso. Abriu-se a azulada abobada do firmamento, e o throno de Deus appareceu no seu immenso fulgor ante os olhos deslumbrados da filha dos Bourbonns.»

Um anjo melancolico tinha nas mãos aberto o livro do destino, e via-se na pagina escripto o nome de Carlos IV.

E ovuiu-se um immenso clamor que partiá da terra, e esse clamor dizia:

«Sobrar, o throno dos nossos reis foi manchado pelo adultorio e pela dissidiasão; os frutos dos nossos campos foram enriquecer o cario d'um favorito vil; a Hespanha, a gloriosa Hespanha foi derubada do seu throno, e a sua vasta purpura, que abrangia os dois hemispherios, foi arrastada na lama. A Hespanha foi vil entre as nações, ella entre todas grande; o pé do estrangeiro estampoou-se com desprezo na fronte da nação humilhada, e os seus filhos, curvados sob o jugo, e embruteçados, regaram a terra com as suas lagrimas e o seu suor.»

E o anjo melancolico rasgou essa pagina do livro do destino, e na pagina seguinte via-se escripto o nome de Fernando VII. E ovuiu-se um clamor que dizia:

«Combatamos como heroes para defendermos a terra de nossos paes, e para assegurarmos o throno ao descendente dos nossos monarchas, juncados de cadáveres a estrada triumphal, por onde o covarde prisioneiro de Valencia voltou ao paço de alfórria. E aquelle, com o nosso sangue a nossa curta de alfórria. E aquelle, por quem se derramamos, rasgou os nossos faros de honra livres, pisonou nos nos pés, e chamou o estrangeiro, o mesmo estrangeiro com quem traváramos una guerra mortifera para lhe darmos o throno, a fim de nos reduzi- á escravidão.»

E o anjo melancolico rasgou ainda uma pagina, e na seguinte via-se escripto o nome de Izabel II.

«Combatamos por ella, e pela nossa liberdade, travámos una lucta sanguinaria com os nossos irmãos para defendermos os direitos da innocente nãa, e a recompensa é o cadafalso, e fusilamento, o morticínio.»

Então rasgou no alto dos céus uma voz trovejante que bradou:

«Tres gerações encheram a taça das iniquidades, e caíram na misericórdia divina! Caia no abismo esse throno de Balhaazar.»

E o anjo melancolico arrancou a nítida pagina da dynastia dos Bourbonns, com elle, revoleutando, cair n'um abismo de luto e de sangue.

1 de julho de 1866.

M. PINHEIRO CHAGAS.



A SCENA FINAL DA PEÇA «A MORGADINHA DE VAL-FLOR»—A MORTE DO PINTOR LUIZ FERNANDES DIANTE DA «MORGADINHA», DE MARIQUINHAS E DO SEU VELHO TIO

Essa peça que é, depois de *Fr. Luiz de Sousa* de Garrett, a que n'era um período de evolução no Theatro Portuguez, foi representada pela primeira vez no Theatro D. Maria em 3 de abril de 1899 em benefício da actriz Emilia Adelaide, sendo seus principaes interpretes os actores: Tasso, Theodorico, Cesar, Lima, Polla, Almeida e Bayard e as actrices Emilia Adelaide, Delphina e Rosa Damasceno. Mais tarde F. Coelho, esse actor que era ao mesmo tempo um litterato e que fez a desmancha fortuna no Brazil, tambem representou a parte de *Luiz Fernandes*. A peça teve um successo louco tanto em Portugal como no Brazil e n'uma das vezes em que elle deu mais de 200 representações durante uma opeção no Rio de Janeiro e n'outros pontos do Brazil com a companhia de Furtado Coelho, Príncipe

Chagas quando apanhou o empresario no seu regresso ao reino fô-lhe falar acerca dos direitos d'ancor que o outro lhe negara. E como o grande escriptor estranhasse semelhante procedimento, Furtado Coelho, tomando um ar de offendido, exclamou: O' Chagas, você sabe com quem está a falar?! Olhe que eu sou o Furtado Coelho... Elle sorriu e voltou espiritosamente: Olhe, amigo, você será o Coelho mas o Furtado é a eu! O ditto bem, corrigiu a respeito dos direitos da *Morgadinha* que, a serem pagos, não se por este empresario mas por outros no Brazil, teriam enriquecido Chagas, esses jamais ninguém os viu!





AVDO FELICIANO DE CARTELLO  
Retrato oferecido a Chagas em 1863



O GRANDE ACTOR SANTOS  
Retrato oferecido a Chagas em 1878



HAMALHO ORNELO  
Retrato oferecido a Chagas em 1865



ACTOR ITALIANO ROSSI  
Retrato oferecido a Chagas em 1866



ZACHARIAS D'ÁÇA  
Retrato oferecido a Chagas em 1866



HAMALHO ORNELO  
Retrato oferecido a Chagas por ocasião  
do centenario de Colombo em Madrid



RAFAEL DE LACERDA  
Retrato oferecido a Chagas em 1893



JULIO CESAR MATOS E SEU FILHO  
Retrato oferecido a Chagas em 1878



TALADRIS  
Notabilissimo orador bispinho  
Retrato oferecido a Chagas em 1867



DR. CUNHA BELEM  
MEDICO-CHEFE DO EXERCITO E ESCRITOR



ZACHARIAS D'ÁÇA  
DEPUTADO DO ACADEMIA DE BELLAS ARTES E ESCRITOR



A CASA N.º 25 DA RUA DE S. JOAQUIM E RUA HADEL, ONDE MORREU O GRANDE ESCREITOR DURANTE TODA A SUA VIDA



O JAZO DE MANUEL PINHEIRO CIDADÃO DO CELEBRO DOS PRACEDERES



A CASA ONDE FALLEceu PINHEIRO CHAGAS NA RUA DO SALTEIRO, E A MESMA ONDE MORREU THEODOR HUBNER

Al. Luz oblongada Et. Poes e Lubi  
D. Pedro 3º

Melissa, querida Valentina

Alto faldado era meu povo este,  
Também assim eram letters;  
E, quando eu vinha abraçar a mãe,  
Debruço eu bebendo a Poema

Eu sou um filho de um velho,  
Al' esse Deus, que viveu e morreu;  
E, como sempre, que a vida é um sonho,  
Eu sou o mesmo, e a vida é um sonho

Al' Jesus no céu, no mar, na terra,  
Com todo quanto é grande e pequeno,  
Com os seus santos, e os seus santos,  
Com os seus santos, e os seus santos

Quando eu sou o Deus, todo de todo,  
E, quando eu sou o Deus, todo de todo,  
E, quando eu sou o Deus, todo de todo,  
E, quando eu sou o Deus, todo de todo

Al' Deus, que sou o Deus, todo de todo,  
E, quando eu sou o Deus, todo de todo,  
E, quando eu sou o Deus, todo de todo,  
E, quando eu sou o Deus, todo de todo

Esta poesia foi escrita em Maltra. Tinha então Pinheiro Chagas 11 annos e 2 meses e frequentava o collegio militar que era então no convento de Maltra. Seu avô, que era official do exercito e que tinha feito serviço no collegio alim de acompanhar de perto a educação de seu neto, não pôde morrer ao dia 4 de maio.  
O pai de Pinheiro Chagas, que era secretario de D. Pedro V, falleceu subitamente de uma congestão cerebral, na calçada das Necessidades, quando do Paço Real se dirigia para sua casa a Boa-Morte.  
Manuel Pinheiro Chagas que então se matriculára na Polytechnica recebeu uma pensão de D. Pedro V para completar a sua educação.  
Como D. Pedro V não pôde ver uma vez Pinheiro Chagas, então aspirante de infantaria, enviou-lhe a uma das celebres batalhas de *dilettanti* de S. Carlos, lhe tivesse mandado fazer uma lista e amigavel observação. Pinheiro Chagas pediu licença para dispensar a jornada de El-Rei. Foi então que começou escrevendo para jornaes e iniciou a sua carreira de escriptor.

Recebi a tua carta, que estimei' em  
meus meus poder' imaginar, não te  
por me trazer noticias tuas e de tua  
vida, mas tambem por ver a tua letra  
as palavras que foram exemplos por ti,  
pela tua maneira ainda tão hesitante  
de proger que me dei, deves-me em  
ver meus olhos, porque não imaginer a  
pena que me causa, mas te ter a pe'  
de mim, de meus olhos a tua carta  
porque me te ter entre a ver. Ca' tuco  
Proterio, mas a me tambem - um passo  
de ouvir-me a voz, e ver o stravy de m'.  
don, porque o mundo por um exemplo  
me a força e opeio pelo indon de jã.  
nella illusão me tambem ouvir- este  
des leges de mente, suppondo um  
tod - desumbreses e meus me a tua  
excessos em estudar

Esta carta foi escrita em 1883 a sua filha Valentina, que então tinha 10 annos incompletos, quando Pinheiro Chagas teve um ataque de escarlatina, na casa da rua do Salteiro onde falleceu.  
Sua filha Valentina estava então em Lisboa-Pastora, em casa de seu vachado ar, Jorge Verde, casado com a sr.ª D. Alice Pinheiro Chagas.  
O Proterio, a que Pinheiro Chagas se refere na carta, é seu filho hoje ar, frante de maltra.



OS INTERPRETES DA «MORGADINHA DE VAL FLOR» NA SEGUNDA EPOCHA DA SUA REPRESENTAÇÃO. (Croquis de Raphael Bordallo)



«O DRAMA DO POVO».— ORIGINAL DE PINHEIRO CHAGAS.— SCENA FINAL DA PEÇA

Foi uma peça de intenção, vehemente e forte e na qual se accentuavam as tendencias do espirito do grande escriptor no periodo da sua mocidade. Tomaram parte n'esta peça os actores Theodorico, Maggolo, Brazão, Alvaro, etc.  
O «Drama do Povo» foi causa d'uma certa animosidade dos elementos palacianos contra Chagas,

tanta por causa da peça em si como pelo dito arrejado para a epocha e que em dos personagens salta: «O sangue dos Noemins é igual ao dos Huganços».  
No prefacio do livro o escriptor fez notar esse caso e continou altivamente a sua carreira triumphal sem se baixar.



## OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

O oceano é ouro, a cidade é ouro, a veiga é ouro, a montanha, o céu—tudo é dourado—rico e suave e phantastico, como uma visão do paraíso. Artista nenhum poderia pôr na lona a seductora belleza d'esse quadro, e, todavia, sem o vidro amarello, e o acedente cuidadosamente buscado de uma grade que o arromessasse a uma distancia encantada, elle supprimisso todas as asperezas não era quadro para se ficar em extasi doante d'elle.

Não ha outro remedio senão voltar ao velho Tabor, posto que o assumpto seja bastante enfadonho, e eu não posso tratal-o por me ter distraído com scenas que são mais apraziveis de recordar. Penso que darei um pulo, de qualquer forma. Acerea do velho Tabor nada ha (excepto admittindo que foi o theatro da Transfiguracão) senão algumas velhas ruínas parvacontas ali amontoadas em todas as cidades do mundo desde os dias do gordo Gedeão e dos bandos que floresceram ha trinta seculos até á data modernissima dos tempos dos cruzados. Tem o seu convento grego, e lá o café é bom, mas nunca um estilhão da verdadeira cruz ou osso de um santo canonizado para suster os vãos pensamentos de mundanidades, e convertel-os em mais graves reflexões. Para mim uma igreja catholica sem reliquias nada vale.

A planície de Esdrelon—o campo de batalha das nações—só nos leva a pensar em Josué, Benhadad, e Saul e Gedeão; Tamerlane, Tancredo, Coração de Leão e Saladino; os guerreiros reis da Persia, os heroes do Egypto e Napoleão—pois todos elles aqui combateram. Se a magia da lua podesse evocar das sepulturas de seculos esquecidos e de muitas terras as myriades sem conto que batalharam n'esta extensa e vastissima planície, e vestir-lhes os extranhos trajos das suas com nacionalidades, e mandar varrer o campo o numerozo exercito, esplendido de plumas, de bandeiras e de reluzentes lanças, eu poderia aqui permanecer um seculo para ver o phantastico espectáculo. Mas a magia da lua é uma vã falsidade; e quem n'ella depositar a sua confiança virá a padecer do tristeza e desenganar.

Em baixo, no sopé do Tabor e mesmo na orla da tão falada planície de Esdrelon, está a insignificante aldeia de Debarie, onde Debora, prophetiza de Israel, viveu. E' exactamente como Magdala.

## XIX

Para Nazareth—Mordida por um camello—Gruta da Anunciacão, Nazareth—Grutas notaveis em geral—A officina de José—Uma lago sagrada—A fonte da Virgem—Discutiva bella feminina—Curiosidades litterarias.

Desceamos do monte Tabor, atravessamos um fosso profundo, e seguimos por uma estrada montuosa e pedregosa para Nazareth a duas horas de distancia. No Oriente todas as distancias se medem por horas, e não por milhas. Um bom cavallo andará tres milha por hora em quasi toda a especie de estrada; portanto, uma hora aqui corresponde sempre a tres milhas. Este methodo de contar é aborrecido e enfadonho; e, enquanto a gente se



NAZARETH

não affaz absolutamente a elle, não esclarece o entendimento senão depois de ter reflectido e transportado as horas pagans a milhas christãs, exactamente como succede com as palavras faladas de um idioma que conhecemos, mas não tanto que n'um momento se lhe perceba a significacão. As distancias percorridas por pés humanos são tambem avaliadas por horas e minutos, enquanto eu não sabia qual é a base do calculo. Em Constantinopia perguntei:—Que distancia é d'aqui ao Consulado?—Resposta:—Dez minutos, pouco mais ou menos.—Que distancia é d'aqui á agencia de Lloyd?—Um quarto de hora.—Que distancia é d'aqui á ponte inferior?—Quatro minutos.—Não posso affirmar, mas creio que, quando um homem manda fazer um par de calças, diz que precisa d'ellas um quarto de minuto, nas pernas, e nove segundos em volta da cintura.

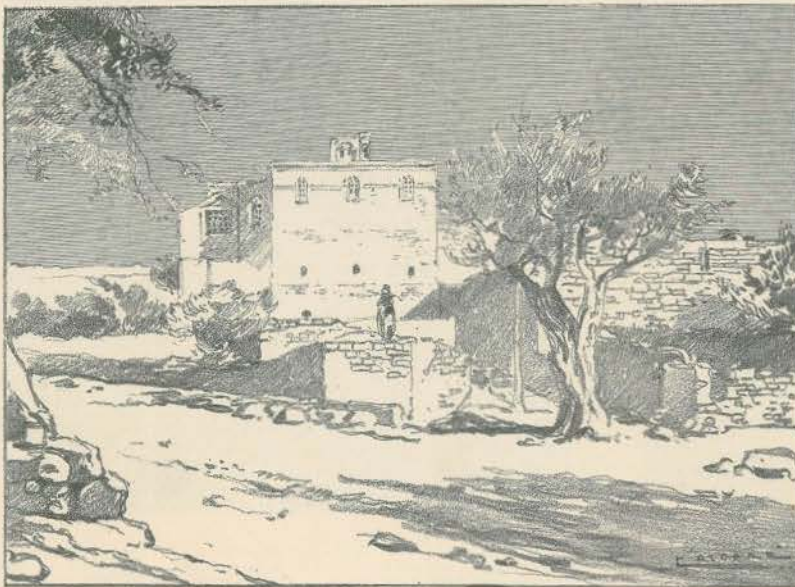
Levamos duas horas do Tabor a Nazareth—e, por ser um caminho demasiado estreito e tortuoso, encontramos necessariamente todas as caravanas de camellos e bur-

ricadas entre Jericó e Jacksonville tanto n'esse sitio como por toda a parte. Os burros, esses pouco importa, por serem tão pequenos que podeis saltar por sobre elles a cavallo, se este fór fogueiro, mas por cima de um camello é que se não salta. Os camellos tem a mesma altura que qualquer casa ordinaria de habitacão na Syria—o que significa que os camellos são um a dois e algumas vezes quasi tres pés mais altos que um homem de boa estatura.

N'esta parte do paiz a carga dos camellos tem a maior parte das vezes a fórma de saccos colosos—um de cada lado. Um camello e a carga occupam tanto espaço como um carruagem. Imaginae encontrar esta especie de obstrucção n'um caminho estreito. Nem que fosse para deixar passar um rei se desviaria um camello. Vae por ali adiante serenamente, impellido as pernas almofadadas com o movimento longo e regular de um pendulo, e, seja o que fór, que esteja no caminho, tem de sair d'elle, senão é arremessado com violencia pelos saccos bojudos. Foi uma jornada fatigante para nos e completamente extenuante para os cavallos. Fomos obrigados a saltar por cima de mais de mil e ottocentos burros, e só uma pessoa do nosso grupo foi saucida do sellim pelos camellos menos de sessenta vezes. Isto parece uma affirmacão atrevida, mas o poeta disse: «As cosas não são o que parecem.» Para mim não ha agora cousa mais certa para fazer uma pessoa estremeecer de que ter pelas costas um camello que vem com pés de lã e lhe toca no ouvido com o labio inferior, frio e molle. Ora, um camello fez isso a um dos rapazes, que lá a cabecear pensativo sobre o sellim. Erguen os olhos, viu a majestosa appareção crescendo para elle, e fez esforços desesperados para se afastar do caminho, mas o camello avançou e moveu-lhe um hombro antes que elle se safasse. Este foi o unico incidente agradável da jornada.

Em Nazareth acampamos n'um olival proximo da fonte da Virgem Maria, e foi lá que o tal assombroso «guarda» arabe veio arrecadar a esportula pelos seus «serviços» em nos acompanhar desde Tiberiades e livrar de perigos invisiveis com o terror do seu armamento. O drogman havia pago ao amo, mas isso não valia de nada—se alzugardos um homem para espirar por vós aqui, e outro homem se offerecer para lhe prostrar auxilio, o que d'ahi resulta é terdes de pagar a ambos. Não fazem cousa nenhuma, seja o que fór, sem paga. Como esta gente deveria ficar surprehendida de ouvir offerecer-se-lhe o caminho da salvacão «sem dinheiro e sem preço.» Se os usos, os costumes e o povo d'este paiz fossem mudado desde o tempo do Salvador, as figuras e as metaphoras da Biblia não são argumentos que o prevêm.

Entramos no grande convento latino, que foi edificado sobre a casa tradicional de habitacão da Santa Familia. Desceamos uma quinze degraus abaixo do nivel do solo, e estivemos n'uma capella pequena ataviada com tapeçarias, alampadas de prata e quadros a oleo. No pavimento de marmore por baixo do altar, uma cruz indica o lugar que os pés da Virgem tornaram para sempre consagrado, quando ella recebeu a mensagem de anjo. Que estancia tão simples e tão singela para ser o theatro de tão grande acontecimento! A mesma scena da Anunciacão—sucesso que foi comemorado com esplendidos relicarios e templos augustos em todo o mundo civiliza-



A FONTE DA VIRGEN



HELEM

do, e tal que os príncipes da arte tomaram por objectivo da sua mais sublimada ambição para pintarem condignamente; logar cuja história é familiar até às crianças de todas as casas, cidades e obscuras aldeias das mais remotas terras da christandade; logar que myriadas de homens, para o ver, não dixeram atravessar a largura do mundo, e teriam na conta de inapreciável privilegio contemplar. Era fácil ter esses pensamentos. Mas não era fácil exalçar-me á magnitude da situação. Eu poderia vencer muitas mil milhas e imaginar a aparição do anjo, com grandes azas e semblante luminoso, e observar a gloria que jorrava sobre a cabeça da Virgem enquanto a mensagem do throno de Deus cahia nos seus ouvidos—qualquer pode fazer isso além do Oceano, mas poucos o podem fazer aqui. Vi o pequeno recesso do qual o anjo abalou, mas não pude preencher o seu vazio. Os anjos do meu conhecimento são creaturas de inconsistente phantasia—não caberiam em nichos de pedra sólida. Duvido que qualquer possa estar na gruta da Anunciação e povoa-la com as imagens phantásticas do proprio espirito as suas paredes de pedra demasiado palpáveis.

Mostrarão-nos uma columna de pedra pendurada do tecto, que nos disseram ter sido partida em duas pelos conquistadores musulmanos de Nazareth, na esperança vã de derrubarem o sanctuario. Mas a columna permaneceu milagrosamente suspensa no ar, e, sem supporte, sustentou então e ainda sustenta o tecto. Dividindo esta affirmativa por oito, reconhecerão-se que não era difficil acorditala.

Estes preclaros monges latinos nunca fazem coisa nenhuma por metade. Se tivessem que mostrar-vos a Serpente de Bronze, que foi levantada no deserto, podéis estar certos de que toriam á mão a estaca em que ella assentou, e até a cava em que esteve. Aparentaram aqui a gruta da Anunciação; e tão adequadamente ella, como a garganta de qualquer e é á bocca, tem também a cozinha da Virgem, e até a sua casa de lavor, onde ella e S. José observavam o menino Jesus a folgar com brinquedos hebreus, ha mil e oitocentos annos. Tudo debaixo de um tecto, tudo grutas limpas, espaçosas, commodas. Causa extraneidade que personagens tanto relacionadas com a Santa Familia vissem sempre em grutas—em Nazareth, em Belem, em Epheso—e, todavia, mais nin-

quem do seu tempo e da sua geração pensou em fazer cousa semelhante. Se porventura o fizeram, as suas grutas desapareceram todas, e supponho que nos deveremos admirar da especial maravilha da conservação d'aquella em que falo. Quando a Virgem fugia da colera de Herodes, escondeu-se n'uma gruta em Belem, que se vê ainda hoje. A matança dos innocentes em Belem foi feita n'uma gruta, o Salvador nasceu n'uma gruta—ambas se mostram ainda aos peregrinos. E' millesimo extraordinario que esses tremendos acontecimentos se passassem todos em grutas—excessivamente feliz, igualmente, porque as casas mais fortemente construidas pelo andar do tempo virão a cahir em ruinas, mas uma gruta n'uma rocha viva durará para sempre. E' uma impostura—esse estofa de grutas—mas por ella devem todos os homens estar em muita obrigação aos catholicos. Em qualquer parte que descobrem uma localidade perdida, que algum successo da Escripтура santifica, logo constroem uma igreja solida—quasi imperceptivel—e conservam a memoria d'esse logar para satisfação das gerações futuras. Se confesse aos protestantes executar essa obra dignissima, nem sequer saberiamos hoje onde fica Jerusalem, e todo aquelle que pudesse pôr os pés em Nazareth seria n'este mundo—um ente demasiado instruido. Muito se deve aos catholicos até pela sua boa vontade de abrirem estas grutas nas rochas; porque é infinitamente mais satisfactorio contemplar uma gruta, onde folmente se tem acreditado durante seculos que a Virgem viveu, do que ter de imaginar uma habitação para ella, aqui, acolá, além, em toda a extensão d'esta terra de Nazareth. E' um paiz muito vasto. A imaginação não pode exercitar-se. Não ha nenhum sitio especial que prenda o vosso olhar, captive o interesse e faça pensar. A memoria dos peregrinos não pode acabar enquanto permanecer para nós a rocha de Plymouth. São doutos os velhos monges. Sabem como se põe uma escora a uma agradável tradição para a manter no seu logar para sempre.

Fomos ver os logares onde Jesus trabalhou como carpinteiro durante quinze annos, e onde tentou ensinar na synagoga, d'onde foi expulso pela multidão. N'esses logares se elevam capellas catholicas, onde se guardam os pequenos fragmentos que ainda restam das paredes antigas. Os nossos peregrinos tiraram specimens para

levar. Visitámos também uma capella nova, no meio da cidade, edificada em torno de uma lago, que tem doze pés de comprimento por quatro de largura; os padres descobriram ha annos que os discipulos uma vez se tinham assentado n'essa pedra para descansar, e d'ahi partiram para Capernaum. E os padres deram-se pressa em conservar a reliquia. As reliquias são excellente propriedade. Aguardam-se viajantes que paguem para as ver, o que elles fazem com grande prazer. Apraz-me essa idea. A consciencia de cada um nunca ficará peor por saber que pagou a sua quota parte como um homem. Muito gostariam os nossos peregrinos de levar memorias d'aquí e de escrever os seus nomes na pedra juntamente com o das aldeias da America d'onde procedem, mas os padres não permitem nenhuma d'essas cousas. Para dizer toda a verdade, o nosso grupo raras vezes pratica taes irregularidades posto que tenhamos a bordo alguns que nunca perdem occasião de o fazer. O maior peccado dos nossos peregrinos é a sua paixão pelos specimens. Supponho que a esta hora elles conhecem as dimensões d'essa lago, sem faltar uma pollegada, e o seu peso, sem uma tonelada de menos, e não se me dava de apostar que elles voltarão ali esta noite para ver se a podem levar consigo.

A «fonte da Virgem» é aquella onde diz a tradição que Maria costumava ir buscar agua, vinte vezes por dia, quando era rapariga, e levava n'um cantaro á cabeça. A agua corre por umas bicas n'uma parede de antiga alvaria, afastada das casas da aldeia. As raparigas de Nazareth ainda se reúnem ás doze em torno d'ella, com grandes ríandias e folganças. Não são formosas as moças. Algumas tem olhos grandes e brilhantes, mas nenhuma o rosto bonito. Estas raparigas usam ordinariamente um vestuario singular, solto, sem folho nenhum, de cor indocia; e também em geral sem remendos. Trazem pendente do alto da cabeça até no queixo curiosas enfiadas de moedas antigas, á moda das bellas de Tibérias, e adornos de laço na cintura e nas orelhas. Andam descalças. São as raparigas mais humanas que até agora temos visto n'esta terra, e as mais bem formadas. Mas isso não tira que a essas donzellas pittorescas faltam infelizmente atractivos.

(Continua.)



ANTONIO MAURA

Presidente do conselho de ministros de Espanha que foi ferido com uma bala perdida pelo anarquista Joaquim Michal, quando se dirigia para a Deputação em Barcelona no dia 12 d'abril.



ALBERTO VON STERN  
Fallecido em 7 de abril



JOÃO ANTONIO PIRES VILLAR  
Professor jubilado do Lyceu Nacional do Porto fallecido em Bragança em 7 de abril.



ANTONIO RAMALHO  
Ancião do quadro A Batalha de Bussaco, destinado ao Museu d'Artilharia

## CHRONICA ELEGANTE

Pode dizer-se agora que estamos atravessando o breve periodo em que a nossa *season* lisboeta bat son plein. As formosíssimas tardes de primavera atraem ao Campo Grande e á Avenida a elite do nosso mundo elegante. As soberbas equipagens, os elegantes e garbosos cavalheiros, os automoveis mais bem postos cruzam as sombrias alamedas ladeadas da multidão dos passeantes que preferem o passeio a pé animado com o espectáculo alegre e festivo que se offeço desfructuando. Dentro em pouco começam a rarear os que não o tom á nossa vida mundana e que com as brisas de maio vão desertando em busca do sol d'Italia, das villes d'eau francezas, das frescas

marginas dos lagos suissos ou das montanhas da Escoczia.

Enquanto não partem, temos felizmente tempo de admirar a sciencia, a arte, a suprema fantasia de bom gosto e opulencia que preside á confecção das *toilettes* modernas. Os vestidos claros de panno ideal, do *vailles etamines* e outros tecidos proprios da estação são guardados da forma mais encantadora. Vem-se largos *metalhões* de gaze, renda, ou *manasseline* decorados com flores em relevo, ou bordados a perolas, circumdados de uma especie de moldura no genero Luis XV feita de velludo ou seda ornada de galão e *paillette* de ouro ou prata; estes *metalhões* ficam *incrastés* no tecido do vestido do modo mais artistico, parecendo que são bordados *à mão*. Outro tanto acontece com os *metalhões* de renda, laços, ramos de flores que não se applicam mas se collocam *à clair*, eliminando a fazenda nos contornos.

Os *paletós* elegantes são igualmente um requinte de luxo e de bom gosto. Usam-se muito em panno muito claro, *champagne*, *crave*, *ciment*, *crème* ou branco com guarnições de cor viva. O *balero* renasceu e está recuperando o seu primitivo imperio. E' apreciadissimo nas *toilettes* do genero *tailleur* que são principalmente adoptadas para passeio; notemos de passagem que o costume *tailleur* muito simples é quasi exclusivamente destinado para viagem, excursão ou passeio matinal. O *tail-*

*leur* elegante de alta fantasia é feito de elementos valiosos e primordialmente enfeitado, conservando todavia no talho a severidade e correção da *linha*.

Observa-se uma certa tendencia para suppressão do grande *cabecão*, já muito vulgarizado. Alguns novos modelos de casacos e corpos tomam as hombeiras muito prolongadas, occultando o *pegado* da manga e augmentando a linha dos hombros que deve ser muito larga e descabida.

Fig. 1 — *Toilette* de garden party em *manasseline* de soie preta com entretetos e laços de *guipure* branca *incrastés*. *Hausse-col* e mangas com folhos de *guipure*. Chapen com grande pluma branca.

Fig. 2 — *Blouse-bolero* em panno *bleu de roi*, bordada a braços e ouro. Forro de *satin* branco bordado a ouro. Folhos de renda de Bruxellas nos punhos e *plastron* de gaze e renda branca.

Fig. 3 — Costume *tailleur* em *taed* *cór champagne* guarnecido de galões em *damasie rose* bordados de preto e aço. *Balero* forrado de *crème de Chine* branco e *chemisette* branca.



FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3